

## CRÔNICAS

*Jonas Tavares de Souza*

**H**á duas semanas perdi um livro. Um que nem cheguei a tocar com as mãos. Antes da frustração tive o sabor da expectativa ao acompanhar o rastreamento para a entrega no meu endereço de trabalho. Quando, em dia de folga, li que a entrega fora efetuada, não tive dúvidas: algum vizinho o havia recolhido e, no próximo dia útil, estaria eu saltitante qual a guria de “Felicidade Clandestina” com seu Lobato.

Veio a segunda e logo após os “bons-dias”, a pergunta “Alguém entregou um livro aqui?”. Não. Tudo bem é cedo. Até o final do dia vem. Não veio. Nem terça. Barulho no portão na quarta-feira. É ele? Não. Sou eu. Não. Sou isto. Não. É ele, mas não tem cara de livro. Ah, apenas vocês. Na quinta o livro já tinha virado mistério. As colegas inquiriram a vizinhança. “Nunca li, nunca vi e nem ouço falar”. A sexta foi dedicada aos tramites burocrático-institucionais para comunicar o problema. Para lá e para cá. Um desses atenciosos me disse que “não é o tipo de correspondência que se colhe assinatura, o carteiro é orientado a deixar em local seguro e pronto. Aqui está registrado que foi entregue, então foi.” É mesmo, se tá na internet... É mesmo! O carteiro!

Na semana seguinte, já tinham uns três à espreita do carteiro. Eu mesmo nem tocava mais no assunto, mas toda vez era questionado sobre. Quando um conseguiu laçar o carteiro, esse me contou que não sabia que não tinha expediente naquele dia e jogou o livro achando que logo alguém sairia para buscá-lo. Ele nunca desconfiou que uma escola pudesse ficar sem gente alguma em dia de semana. Compreendi. Como a essa altura eu já estava mais interessado em não mais falar disso, não quis formalizar reclamação para não prejudicar o moço e muito menos lhe cobrei ressarcimento. Era bem provável que, no final de semana, algum passante o tenha levado. Teve um destino, ao menos.

Fim do mistério do livro.

Hoje quando todos acordam com o sinal da besta (a besta das bestas. daquelas que dobram todas as línguas para entender a cara da besta, o cabelo da besta, os tentáculos da besta) interrompi um atendimento para falar com um rapaz que apontava para mim. Ele disse que viera trazer um livro e contou que um dos meninos, ao entrar na escola para pegar uma bola, levou um embrulho para quadra e quando abriram, viram que era porcaria e quiseram queimá-lo. Ele não deixou, pois, apesar de ter largado a escola, tinha um parente que estudava e entendia a serventia de um livro.

Nenhum corpo tomado pela besta consegue segurá-la quando diante de encontros assim. Agradei tomado por uma quase gagueira, sem sequer encontrar palavra para mostrar-lhe a importância, já não do livro, mas dele, nesse dia. O jovem foi embora. A mulher que eu atendia disse que atitudes como aquela eram raras e que algumas semanas antes haviam entrado em sua casa para roubar seu celular e blás... E quando ela quis emendar um poço de miséria por não conseguir dar conta de tamanha nobreza, interrompi dizendo “Sim, mas você ouviu que bonito o que ele disse?”. Ela se foi e logo depois o dia.

Hoje não voltei para casa sentindo-me a “rainha delicada” com meu livro debaixo do braço. Voltei pensando numa novela de cavalaria, onde meninos inquisidores - que não tiveram outra chance a não ser serem inquisidores - são detidos por um cavaleiro, tão menino quanto, antes de atearem fogo no que nem para ser uma bola. Quadrado e pesado. Mesmo assim vazio demais isso. O desconhecido.

Versus ao que está realmente em jogo, valendo a pena.

O dragão está à solta.

Mas os dom-quixotes, incluindo os que pegam doideira sem letra alguma, também.

## 12/12 - DIA NACIONAL DA LEITURA

**D**ois, quatro, um é igual à zero.

Estou lendo uma das melhores coisas que já li e demorei dezesseis anos para isso.

Pode um estranho, responsável por criar um fantasma de memória, ser corresponsável por uma postagem<sup>1</sup> em feriado santo?

O primeiro livro que li era sobre um cachorro que se perdia e enfrentava grandes desafios até voltar para casa.

A casa minha, que agora é impossível o retorno, tinha apenas um livro. Nunca terá mais que um livro, mas o suficiente para absorver todos os motivos da casa. O livro que comeu a casa.

Tenho a sorte ou a incumbência de trabalhar no mesmo espaço onde tive uma dessas infâncias que não se adjetivam. Infância é tudo ao mesmo tempo agora antes da queda. Ponto.

Essa semana faleceu o pai da mulher que me alfabetizou e sou-lhe um tanto grato. Aos dois.

O mingau de quem vai apontar o bê-á-bá era dado por um homem esguio que não tinha noção dos perigos e maravilhas que ocorreriam num instante mesmo após limpar a boca de sua cria.

Estou lendo algo que não poderia aos dezesseis, preocupado com o círculo caótico que se emenda na perversidade do zero resultado de dois, quatro e um.

O zero. O círculo. Os motivos. Os livros que não comerão as casas. Fim de feriado e volto para o cenário de santos remendados.

---

<sup>1</sup> Texto originalmente postado no Facebook.

**F**oi uma semana diferente. A do meu primeiro voto. No debate realizado com a turma da 3ª série B, corria entre as mesas um desenho similar ao logo de campanha da Frente Parlamentarista Monárquica. Muitas risadas. Ninguém via o rei nu, mas aquilo era um pênis. Dos grandes. Os grupos defendiam a pesquisa copiada da enciclopédia após algumas horas de fila de espera na porta da principal biblioteca da cidade. Três almosos inteiros e uma capa de sulfite desenhada. Orgulho da profissional que mediava o debate. Eu era da situação. Presidencialista. Com faixinha e tudo. Da patota preferida da professora: os nerds, escolhidos a dedo para defender a campanha. Os técnicos. Cidadãozinhos de bem.

No dia da eleição, toda a escola votou. Uma sala de cada vez. Primeiro da fila, fiz cara de exasperado ao ver uns quatro que aproveitaram a falta de vigilância para brincar de “pega-pega” atrás da escola. Uns perdidos, mesmo. Justo num dia importante?! Na sala de votação, caixas desmontadas de papelão asseguravam o sigilo do voto. Cédula mimeografada. X com caneta (pudemos usar caneta! Que sério isso!) e duas batidinhas na urna. Feito.

Alguns dias depois o resultado. O oficial e o escolar. Ganhamos. Devo ter estufado o peito ou me dado alguma importância. Pequeno triunfo.

Fraude? Mas quá! Os cueiros ainda eram demais pesados para me ater a essas significações.

**P**az tem três letras, mas falo pais. Os três têm seus dias. Menos de um por cento de ano para lembrar o que te processou no passado e o que se almeja de futuro. O resto é *lucta*, *luita* e luta com pitadas de luto.

Estou em paz quando os sustos e os deslumbres fazem de mim uma vitamina.

Hoje foi um dia deles. Descobri que miomas uterinos podem desenvolver cabelos, dentes e músculos. Terrificado ainda com a imagem, não vou fazer verificação disso tão cedo na internet. Pai Google que se cale, pois nisso faço questão de cair no conto do vigário.

Descobri também uma santa cuja imagem representa-a com um livro sobre os joelhos ensinando uma menina. Passaria batido pela minha ignorância católica (esta que só não é completa pela lembrança da água fria, dos pais elegantes e do padre de jeans no dia do batizado. Sim, deixei de ser pagão quando já tinha nome, carrinho e figurinhas pra bater) se não dialogasse com meus perpétuos interesses.

Por Sant’Ana fiz a consulta na barra branca. E mais um monte de “minhas américas”. Sant’ana já idosa, paciente e resignada com sua esterilidade, engravida da que viria ser a Mãe de Deus.

E sincretiza com Nanã: “orixá responsável pela transformação espiritual dos seres para a nova encarnação, mãe ligada à vida e morte”.

Deixo esse dia de achados e o coloco para dormir. Esse tão colombo-aranha: o menino.